

‘Um Jardim para Tchekhov’, que está entre nós

Por **Eduardo Nunomura** - 29 de novembro de 2024



Imagem da peça "Um Jardim para Tchekhov", em cartaz no CCBB-SP - Foto: Renato Mangolin/ Divulgação

Anton Tchekhov é um dos dramaturgos mais amado por atores e dramaturgos por uma série de razões. Seus personagens são tridimensionais, fogem de arquétipos ou caricaturas, transitam do dito para o não-dito num piscar de olhos e abordam sentimentos universais como frustração, amor não-correspondido, tédio, desejo por mudança, transitoriedade e finitude da vida. É e será sempre uma inspiração. Em *Um Jardim para Tchekhov*, espetáculo de **Pedro Brício** com direção de **Georgette Fadel**, o autor russo não apenas permeia a narrativa, mas emerge como personagem de uma trama que, com humor e delicadeza, conecta esse universo à realidade contemporânea brasileira.

Complexas, as peças de Tchekhov vêm beleza e drama no cotidiano, o que obriga os encenadores a encontrarem a intensidade em gestos simples e diálogos banais. E é isso o que se verá na interpretação de **Maria Padilha** para Alma Duran, uma atriz veterana em busca de novos significados para sua vida em tempos de incerteza. Morando em um condomínio no Rio de Janeiro com a filha médica Isadora (**Olivia Torres**) e o genro Otto (**Erom Cordeiro**), um policial, Alma sonha em montar uma produção de *O Jardim das Cerejeiras* enquanto dá aulas de teatro à jovem Lalá (**Iohanna Carvalho**). A entrada do próprio Tchekhov (**Leonardo Medeiros**) na história (é teatro!) adiciona à peça um elemento metalinguístico que reafirma a atemporalidade do autor russo e a profundidade de sua influência mesmo no calor carioca.

Um Jardim para Tchekhov celebra o teatro e sua capacidade de nos conectar

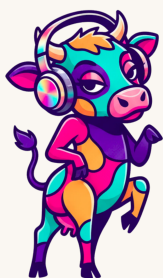
ao passado enquanto refletimos sobre o presente. Ao trazer Tchekhov para o palco de forma literal e simbólica, a montagem reafirma o poder da obra do escritor russo como uma lente pela qual continuamos a enxergar a complexidade da condição humana. Assim como *O Jardim das Cerejeiras* aborda a transição e o desapego, esta peça escrita por Pedro Brício é um convite a olhar para o teatro como um espaço de resistência, transformação e memória.

A figura de Tchekhov, que surge como um fantasma ou um interlocutor, é um artifício teatral que reforça a universalidade de seus temas. Ainda que ambientada no Rio atual, a peça dialoga com questões universais, como o medo do esquecimento, a resistência à mudança e a necessidade de encontrar significado em meio à banalidade do cotidiano. Alma Duran, a protagonista, é uma artista que, como todos que envelhecemos, reflete sobre sua relevância em um mundo que parece cada vez mais alheio à arte e tolerante à intolerância.

Assim como outras adaptações de Tchekhov, como *Por que não vivemos como poderíamos ter vivido?* e *AO VIVO [dentro da cabeça de alguém]*, *Um Jardim para Tchekhov* se apropria do subtexto para criar uma dramaturgia que não precisa de um enredo grandioso ou didático demais. O que importa é o que não é dito: os olhares, os silêncios e as contradições que revelam a complexidade humana. Maria Padilha, em uma performance singela, encarna a essência tchekhoviana ao explorar a fragilidade e a resiliência de quem, aos olhos de muitos, parece ter deixado os melhores anos para trás (ledo engano). É Tchekhov, mais uma vez, provando que as palavras – e os silêncios – continuam a florescer em todos os cantos do mundo.

Um Jardim para Tchekhov. No CCBB-SP, quintas e sextas-feiras (19 horas); sábados (16 horas e 18h30) e domingos e feriados (17h), até 8 de dezembro. Ingressos a 30 reais.

Precisamos de um quilo de farinha pra fazer FAROFAFÁ!



Somos o único veículo crítico e progressista dedicado exclusivamente ao jornalismo cultural, nas suas mais variadas frentes: livros, filmes, música, artes, teatro etc. Se você chegou até aqui é porque está do nosso lado. Ajude FAROFAFÁ a fortalecer o debate e a cultura brasileira.

Diferente dos grandes veículos, não somos donos bilionários e não corremos atrás de cliques a qualquer custo. Isso significa duas coisas:

1. Farofafá trata do que importa para a cultura brasileira — do teatro de grupo às periferias musicais, da literatura marginal às artes visuais — sem precisar agradar patrocinadores.